

**RAINHA GINGA DE
ANGOLA: PRESENÇA
RESISTENTE NA
CULTURA AFRO-
BRASILEIRA**

Mariana Bracks Fonseca¹

Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo

Nzinga Mbandi, conhecida como Rainha Ginga, foi soberana dos reinos do Ndongo e Matamba no século XVII. Famosa tanto por suas habilidades diplomáticas quanto por seu comportamento guerreiro, Ginga foi uma personagem única da história africana. Foi batizada como D. Anna de Souza, apadrinhada pelo governador português, mas logo se aliou aos temidos guerreiros antropófagos chamados Jagas e durante décadas lutou contra a colonização portuguesa de Angola, reunindo vários sobas e governantes em sua frente de oposição. Durante mais de trinta anos, Ginga fugiu da perseguição lusa enganando seus opositores com diversas estratégias de resistência, que iam desde rendições simuladas a pistas falsas de seu paradeiro. No final de sua vida, a rainha se reconverteu ao cristianismo como forma de obter a paz e a sucessão para seu reino de Matamba. Morreu em 1663, com mais de oitenta anos, apesar de seu povo a considerar como “rainha imortal”.

Após sua morte, formou-se na região em que morreu a etnia Jinga, clara homenagem à soberana, sublinhando seu papel na reconfiguração das identidades em Angola, já que centenas de pessoas das mais variadas origens se uniram às guerras da rainha. A história de Nzinga Mbandi virou lenda em Angola. Depois das guerras de independência, na década de 1970, foi consagrada como heroína nacional, símbolo da resistência africana frente ao colonialismo europeu. Hoje, seu nome figura entre as mulheres mais importantes da história universal e Angola reivindica o título de Patrimônio da Humanidade para a soberana junto à UNESCO.

A memória da rainha guerreira também é bem presente no Brasil. Citando Câmara Cascudo, “em cada navio negroiro, invisível e lógica, embarcava a rainha Jinga”. É natural supor que os milhares de escravizados provenientes da região de Angola trouxeram consigo suas memórias e histórias de seus heróis, e dentre eles a rainha Ginga. No século XVII, a formação de quilombos no nordeste brasileiro revela a aplicação de técnicas de combates africanos uma vez que Kilombo era a formação social e militar própria dos guerreiros Jagas, que foram comandados por Ginga.

Nos séculos seguintes, o nome da rainha de Angola ganhou relevância na cultura afro-brasileira. Ainda no século XVIII, a registros da festa de coroação da rainha Xinga no Tejuco/ Diamantina-MG. Folcloristas como Cascudo e Mário de Andrade descreveram os congos da Paraíba em que a personagem Rainha Ginga aparece como inimiga do Rei do Congo e do catolicismo, como guerreira valente que não se curva diante de seus oponentes.

Nos candomblés Congo-Angola, é cultuada a inquice (do kicongo, *nkissi*) Matamba. Princípio dos ventos fortes e tempestades, rainha tempestuosa que ninguém ousa desafiar. Seria esta entidade uma representação da lendária rainha de Matamba, Nzinga Mbandi? Cabe refletir como esta personagem histórica foi reinterpretada pela religiosidade de matriz africana no Brasil e mantém viva nos candomblés a memória da implacável soberana de Angola.

Mas é na capoeira que a presença da rainha Ginga aparece de forma mais vibrante. Ginga é o nome do movimento básico mais essencial, de onde saem todos os ataques,

¹ Mariana Bracks Fonseca é doutoranda em História Social pela USP, com o projeto “Nzinga Mbandi, Ginga de Angola: memórias e representações da rainha guerreira na diáspora.” Autora da dissertação de Mestrado “Nzinga Mbandi e as guerras de resistência em Angola”. FFCLH/USP. 2012.



defesas e deslocamentos no jogo. A ginga da capoeira tem a função de enganar, iludir o oponente, fingir que vai para um lado e, de repente, atacar por outro. O movimento da capoeira expressa a trajetória política e militar da rainha, que enganava os inimigos sem se deixar capturar. A relação entre o movimento corporal e a personagem histórica ainda carece de pesquisas etimológicas, mas é amplamente difundida entre os praticantes da Capoeira Angola, que reivindica ser a modalidade mais tradicional, herdeira dos princípios dos antigos africanos no Brasil.

Fundada como escola por Mestre Pastinha em 1941, a Capoeira Angola expressa em sua linguagem corporal e musical a visão de mundo compartilhada pelos angolanos. A roda ritualizada rememora através dos cantos e gestuais a travessia atlântica, o sofrimento do cativo, os preceitos religiosos dos centro-africanos. Sendo assim, a capoeira é fonte legítima da expressão dos angolanos no Brasil, que podem ter immortalizado o nome de sua rainha através do movimento Ginga. Se a etimologia ainda não é suficiente para tal afirmação, os grupos de Capoeira Angola da atualidade evocam a lendária rainha de Angola para afirmação da identidade negra, sempre conectada à resistência do povo africano face à opressão da escravidão e do racismo.

A Rainha Ginga vive na cultura brasileira. Através destas manifestações tradicionais, a população negra hoje pode conhecer e celebrar a história da poderosa rainha africana que combateu e derrotou os europeus, resistiu à invasão dos territórios e conduziu seu povo à luta contra a colonização.

Esta história ainda não aparece nos livros didáticos, é pouco ensinada nas escolas brasileiras, mas é capaz de orientar parte da população afro-descendente em suas lutas de resistência diárias. Nzinga Mbandi dá nome a grupos feministas, a ONGs que lutam pelos direitos raciais, a grupos de capoeira e associações folclóricas, mostrando que, tal como na África, a história não precisa ser escrita para ser lembrada. A memória dos africanos e de seus descendentes segue conectada à palavra, à musicalidade, ao ecoar dos tambores e a movimentos corporais. Que aprendamos cada vez mais ouvir estas histórias e nos lembremos da trajetória da rainha guerreira, que ensina que os africanos não foram facilmente dominados e escravizados, ao contrário, lutaram tenazmente, resistiram e muitas vezes, venceram!

